

Pag. 103 *Ó serena da minha alma.*

Tarde me hade esquecer este incomparavel asturiano que me abria a porta da minha respeitavel patrona Dona Concha na *Carrera de S. Jeronimo!* Era um verdadeiro original. Faltou-me em certa noite. Na seguinte não me esqueci de lhe perguntar qual fôra a causa da sua ausencia. Respondeu-me que lhe morrera a mulher. Accrescentou-lhe o adjectivo *coitada!* lardeado de dois suspiros, e desatou a rir.

Nunca pude interpretar bem esta singular manifestação da saudade conjugal do meu sereno.

O que elle sabia das vidas alheias dava um farto volume de anedoctas contemporaneas, e as pragas que lhe estavam rogando nas galés os malvados que elle tinha prendido, talvez não coubessem em outro ainda que o fizessem in folio.

Pag. 123 *Muitos ministros não teriam posto os pés em S. Bento sem o patrocínio da tenda de Pires.*

Não tomem isto por censura aos ministros, nem aos tendeiros. Ha ministro que não vale um tendeiro, e tendeiro que vale muito mais do que um ministro.

Pag. 124 *Optimos trens.*

Não sei se gostam da palavra n'este sentido. É usada geralmente, e não ha resistir a esta nem a muitas outras que nos vão entrando em casa.

Pag. 147 *A espada de Gamilanho de la Vega.*

Ainda assim não cuidem que o insigne poeta hes-

panhol cingia uma espada inutil. Que o não era, viu-se na tomada de Pavia quatro annos antes da celebre batalha do mesmo nome em que Francisco I cahiu prisioneiro de Carlos v.

Em 1523 distinguio-se Ganilapo de la Vega contra os turcos, e obteve a cruz de Santiago. Esteve na jornada de Tunes em 1535, donde passou a Napoles, Em 1536 entrou em França com o exercito imperial commandando trinta companhias hespanholas, porém na retirada de Marselha indo accommetter uma torre, e sendo o primeiro no assalto foi derribado por uma pedra que o feriu mortalmente. Foi morrer a Nice a 24 de novembro desse anno tendo de idade 33.

Carlos v teve tamanho sentimento da infausta sorte do poeta, que tomada a torre mandou enforcar vinte e oito dos cincoenta homens que a defendiam.

Era pois boa a espada de Garcilasso, mas como aquella não faltavam ao lado de Carlos v. Poetas é que não havia muitos como elle. Por isso melhor fôra que lhe guardassem a penna do que a espada.

Pag 156 *D. Garcia rei de Galliza.*

Era filho de Fernando I, rei de Castella e de sua mulher D. Sancha de Leão irmã de Bermudo III. Coube a Garcia a corôa da Galliza, e da terra portugallense até ao rio Mondego, quando seu irmão Sancho subiu ao throno de Castella, Affonso ao de Leão, e Urraca tomou conta de Samora e Elvira recebeu Toro em partilha.

Affonso depois de se apoderar de Toledo, resolveu tambem apossar-se da Galliza onde os senhores andavam descontentes e já revoltados contra D. Garcia. Como não o defendessem, cahiu logo prisio-

neiro do irmão, que o mandou tratar bem, mas deixou-o lá ficar até que o triste morreu. Isto era no seculo xi. Seiscentos annos depois o nosso D. Pedro II usava egual benignidade com seu irmão D. Affonso VI. Tanto é certo que os bons costumes não se perdem facilmente.

Não consta que D. Garcia deixasse descendencia. Pareceu-me pois que uns duques de romance podiam descender em linha reta do filho de um rei que não teve successão.

No mundo real são de egual verdade quasi todas as genealogias.

Pag. 157 *Batalha de Baylen.*

Ninguem ignora que os hespanhoes commandados pelo general Castanos venceram os francezes em Baylen no mez de julho de 1808, obrigando o general Dupont a uma capitulação que os proprios escriptores francezes chamam humilhante. Baylen é uma terra da provincia de Jaen perto da Serra Morena. Aquella victoria deu o titulo ao ducado de Cartanos.

Pag. 167 *A bibliotheca de Relta.*

Nos archivos da casa de Ossuna e de alguns outros de Hespanha encontram-se documentos de grande valor historico, e nas respectivas bibliothecas algumas preciosidades litterarias; porém a regra geral é a mesma em toda a parte.

Pag. 169 *D. Diogo da Silva y Velasques.*

Os que cultivam ou estimam as artes, não care-

cem de que eu lhes copie aqui noticias ácerca de Velasques, de Van-Dyck, de Ribera e de Murillo. Para os profanos fôra mister um volume. Que uns e outros se dignem de contentar-se com o que vae no texto, e dispensem as notas.

Pag. 212 *Hotel dos Dhrei Moren.*

É em Ausburgo, e possui a mais bem provida garrafeira de que tenho noticia. Largamente heide fallar desta maravilha de além Rheno no volume das minhas viagens em Allemanha. Agora só direi que o muito respeitavel sr. Deuringer, tem vinhos do mundo inteiro desde a Persia até Colares, que já é bem boa distancia. Ali bebi eu o melhor vinho de Carcavellos que na minha vida provei.

Esta hospedaria está na celebre casa, em que Antonio Fugger queimou os titulos da divida de bastantes milhões pelos quaes era credor do imperador Carlos v. Foi o caso que sua magestade se queixava de que a salla estava fria, e o lume bastante amortecido. Fugger, cujo hospede era o imperador, pegou nos papeis em que estavam fazendo as contas, e deitou-os ao brazido, dando as contas por saldadas com a honra de tal hospedagem.

Eu vi o fogão onde se perpetrou este acto de generosidade cavalheirosa, ou de inaudito desperdicio, como diria o barão de Nassot.

Pag. 233 *Les Effrontés de Emilio Augier.*

Vi-os representar em Madrid por uma companhia franceza. Que companhia! Os descarados da peça eram pudihundos donzeis em comparação dos acto-

res que ousavam representar assim. Digamos a verdade. Os hespanhoes não applaudiam. Em Hespanha o povo tem instinctos artisticos.

Pag. 238 *Hyde Park e Kensington gardens.*

Quem não conhece ou não tem ouvido fallar destes dois parques, no segundo dos quaes ha um palacio em que viveram os duques de Kent, e nasceu, se a minha memoria não erra, sua magestade a rainha Victoria? A notoriedade dos dois lindos sitios é universal.

Pag 238 *Cab ou Handsome.*

Cab é uma especie de coupé. É o *fiacre* francez. O *Handsome* tem só duas rodas, e o assento do cocheiro é atraz. São as duas especies de vehiculos, que se encontram em todos os logares de Londres á disposição dos viajantes.

Pag. 248 *Duas de S. Fernando.*

O grau de cavalleiro da ordem militar de S. Fernando póde dar-se ao mesmo individuo mais do que uma vez, e com effeito se dá, havendo acção que exija tal recompensa.

Estas condecorações militares escaparam aos politicos. A Hespanha deu-lhes Izabel a catholica e Carlos III; destinou para os rapazes a de S. João de Jerusalem; conservou aos fidalgos as de Santiago, de Montesa, de Calatrava e de Alcantara; e reservou para os militares as de S. Fernando e de Santo Hermenigildo. O Tosão de oiro ficou para soberanos e proceres. Para o povo ha uma prodigiosa

quantidade de medalhas cujas noticias historicas andam em dois volumes.

Pag. 285 *Escreveu algures o nosso A. F. de Castilho.*

A quadra que vae no texto é do *Amor e Melancolia*, mimosa obra poetica do sr. Castilho. Na ultima edição vem com o titulo de *Chave do Enigma* a explicação de todos os mysterios do livro, e os elementos de parte da biographia do poeta. Este admiravel trecho de prosa é na opinião das pessoas entendidas um dos melhores escriptos do sr. Castilho.

Pag. 286 *As pegas de Cintra.*

Promettera-me o sr. Almeida Garrett, desde que eu tomára conta da *Illustração*, que me faria a honra de enviar-me um artigo. A final cumpriu a promessa, e accrescentou o favor com a linda e honrosa carta que se lê na collecção das suas obras antes dessa poesia.

Pag. 289 *O codigo do Duello, escripto pelo conde de Chatauvillard...*

Este codigo é a lei de honra dos cavalheiros francezes. Foi escripto pelo conde de Chatauvillard, e examinado e approvado pelo sr. marquez du Halley-Coëtquen, que ainda hoje é consultado em Paris como juiz competente em negocios de honra.

No fim do livro de Chatauvillard lê-se a approvação das suas doutrinas assignada pelos nomes mais respeitaveis de França, e quando se julgou o pro-

cesso a que deu occasião o duello de Beauvallon com Dujarrier, director da *Presse*, e a morte deste, os tribunaes consideraram o codigo do duello como lei de honra entre cavalheiros, e pelas doutrinas delle condemnaram os padrinhos.

Pag. 313 *Descrever a gare...*

A *gare* de Madrid é provisoria, e por isso desdiz da magnificencia e sumptuosidade hespanhola. Quando fôr tempo, Madrid hade ter uma *gare* que não ficará a dever nada ás melhores da Europa.

FIM DAS NOTAS

INDICE

	PAG.
Introdução	7
I.—Prefacião em que entra Dumas, Gautier, De la Vigne, o autor, o leitor, Deus, o povo e varias outras pessoas.....	17
II.—De como nem todos podem sair de Paris na hora que lhes convém.....	22
III.—Partida — Tours — Orleães — Angouleme — Bordeus — As Landes — Chegada a Bayonna....	27
IV.—Entrada em Hespanha — A ilha dos Faisões — Alfandega diurna — O poder de um sobrescripto — A memoria do conde das Antas — Hernani — O General Maroto.....	36
V.—Dos trabalhos que passaram os ossos do Cid. e de como os hespanhoes gostam de estatuas e os portuguezes não — Burgos e a Batalha — O caminho de ferro — Uma familia romantica e um padre.....	53
VI.—Prosegue a viagem — Aben-Affan e o amor — Desponta um personagem do romance — Garrett, Palmella e o duque de Rivas — Os portuguezes finchados.....	67

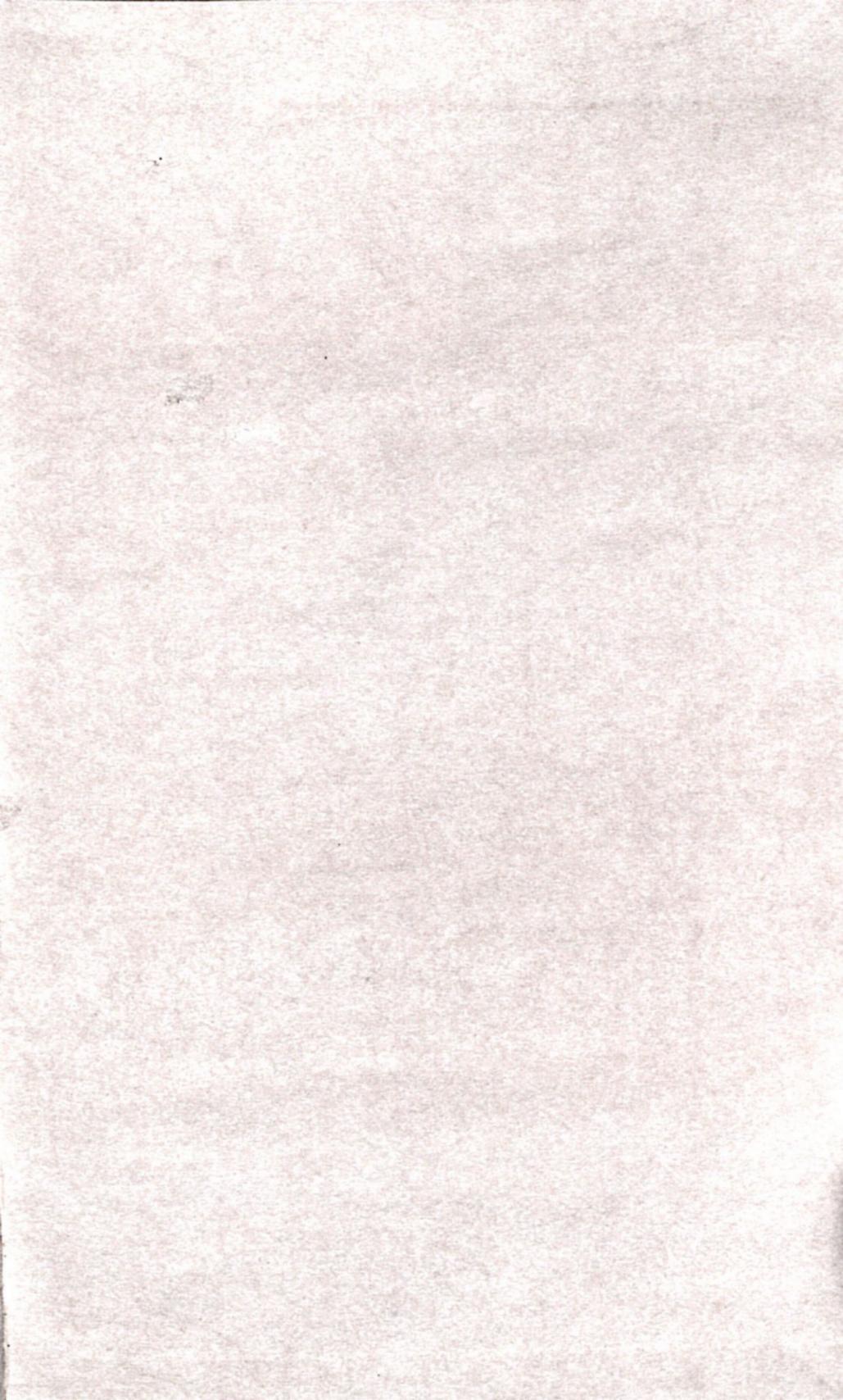
- VII.—De como a marquesita de Lovera me nomeou seu ajudante de ordens, e eu acceitei a nomeação—Conversação em que um magistrado se declara anti-napoléonico, e decidido iberico—Abafa-se a discussão á vista de uma sôpa de alho com pão e ovos..... 84
- VIII.—Em que se vê que, apesar do desconforto das deligencias, é possível chegar a Madrid, alojar-se commodamente, e repartir dos seus capitaes com os serenos—Varios portuguezes de cathogorias diversas—Mau cha, e mau azeite—O Val de Penas, e o Xerez..... 98
- IX.—Em que se explica porque rasão a marquesita fez tantas confidencias ao autor desta historia—Entra em scena D. Julio de Lovera, e a condessa de Relta—Tem a palavra o sr. Calderon Collantes a respeito dos negocios da Italia 107
- X.—Relampago politico—Cervantes e os cavallos de Filippe III e de Filippe IV—Do Congresso ao Prado—O sr. Ferrer do Couto, e o habito de Santiago—De como a Fuente Castellana rivalisa com os campos Elyseos de Paris..... 114
- XI.—Estatistica de Madrid—Conta-se a razão que obstou á ida das ordens militares a Africa, e mostra-se que as provas de nobreza são boas para a infantaria—Vae principiar a historia da condessinha de Relta 126
- XII.—De como Deus enriquecera de varios doctes a condessinha de Relta, e o diabo não fôra menos generoso com o barão de Nassot... 132
- XIII.—Conta-se o que por entre mentiras e verdades se pôde observar na Armeria Real de Madrid—Explica-se a avareza de D. Julio, e conversa-se a respeito do segredo da condessinha de Relta 142
- XIV.—Em que se descreve a magnificencia do palacio de Relta, e se vê de que modo se dispõem as batalhas da sociedade elegante—Po-

sições tomadas pelos combatentes—Vae-se descobrindo o segredo.....	154
XV.—A bibliotheca de Relta—Considerações artisticas—Principia o duello com o barão—Convida-me para almoçar	167
XVI.—De como em conversação com a condessinha me foi apparecendo mais claro o fio da intriga, e vim a conhecer que as mães devem dirigir pessoalmente a educação das filhas—Desanimação momentanea—Economia municipal	182
XVII.—Descreve-se a casa do ourives Granadino, e vae-se aclarando o negocio das joias. Assomam no fundo da scena a Peralta e o duque de Roseta	197
XVIII.—De como a casa e almoço do barão de Nassot eram dignos da sua prosapia e bom gosto, e a historia das joias ainda mais.....	209
XIX.—De como fui a casa de Peralta sem ser seu conhecido, e vim a saber toda a historia das joias—Importancia da bagatella que chamam dinheiro—Carta da Peralta—Resposta do barão.	222
XX.—Em que o leitor depois de lêr varias considerações de inquestionavel gravidade, descobre que o dinheiro dá tudo, mais não livrou de duas bofetadas moraes um sujeito muito nosso conhecido	237
XXI.—De como a Peralta foi ao theatro com os celebres diamantes, e assistiu de longe á completa reconciliação do condessinha de Relta com o sr. D. Julio de Lovera	251
XXII.—De como os padrinhos do barão de Nassot, indo para tratar de um duello, se encontraram com motivo para dois, e da conversação que teve com o barão um procurador de Burgos, antes de lhe arrancar as joias da Peralta..	265
XXIII.—Em que o leitor verá como a condessinha de Relta apesar das superstições da creada abriu a carta do barão de Nassot, e lhe res-	

pondeu muito ás vellas do que elle esperava..	281
XXIV.—De como os proprios partidarios do barão acharam que D. Telmo tinha razão em não acceitar o cartel—Desapparece da scena o se- nhorito de Nassot.....	287
XXV.—Em que se trata da verdade desta histo- ria, do destino das pessoas que figuraram nel- la, da união iberica, dos tritões do padre Cal- das, e de varias outras cousas	298
XXVI.—De como dei por concluida esta viagem com uma visita a casa da Peralta, onde vim a saber que o demo não é tão feio como o pin- tam	307









Biblioteca Regional
de Madrid Joaquin Leguina



1345941

